

FREUD E BORGES: A ESCRITA DO SONHO

Geraldo Magela Martins*

RESUMO: O sonho para Freud é a realização de desejo. Ele é regido pelas leis da condensação e deslocamento de imagens que estão lá como letras de um alfabeto desconhecido, à espera de uma leitura. A relação entre sonho e escrita aparece quando o psicanalista propõe que se leia o sonho como enigma, já que ele o toma como um *rébus*. Desta maneira, todo o mecanismo de funcionamento da escrita e do sonho se encontra concentrado. Borges, com o seu *Aleph*, condensa toda a vastidão do universo, toda a sua caótica diversidade. É o verbo, escrita, que encerra em si todo o mundo. O sonho da injeção de Irma e *O aleph* existem, talvez, para escriturarmos o não-pensável, o não-possível e o não-lugar. Eles são uma utopia de todos nós que às vezes acreditamos, durante a construção do *nosso* edifício, atar as duas pontas da vida.

Palavras-chave: sonho, Freud, Borges, Aleph, escrita.

ABSTRACT: The dream to Freud is the realization of a desire. This is ruled by laws of condensation and displacement of images that are there like letters of an alphabet unknown, waiting for a reading. The relation between dream and writing appears when the psychoanalyst suggests to read the dream as an enigma, because he takes it as a *rébus*. In this way, all the mechanism of functioning of the writing and dream is found concentrated. Borges, with his *Aleph*, condenses all the vastness of the world. The dream of Irma's injection and the *Aleph* exist, maybe, to register the non-thinkable, the non-possible and the non-place. They are an utopia of all of us that sometimes believe, while the construction of our *building*, to tie the two extremities of life.

Key-words: dream, Freud, Borges, Aleph, writing.

*Esse tumulto silencioso dorme
No espaço de um daqueles livros
Da sossegada estante. Dorme e espera.*
Borges

*os sonhos, poetas e pintores sendo livres,
plasmam coisas que nunca existiriam
nem podem vir a existir.*
Luciano de Samósata

* Psicanalista, Mestre em Letras – Estudos Literários pela UFMG e professor do Centro Universitário Newton Paiva-BH. Autor de *Opêrfume das acácias*, Belo Horizonte, Casa Cambuquira, 1997 e de *A estética do sedutor* – uma introdução a Kierkegaard, Belo Horizonte, Mazza, 2000. Co-autor de *Os destinos da sexualidade*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004; *A escrita do analista*, Belo Horizonte, Autêntica, 2003; *A cultura vai ao shopping*, Belo Horizonte, Argumentvm, 2008. Endereço comercial: Rua Santa Rita Durão, 89/sala 104 – CEP 30140-110 – Belo Horizonte. e-mail: martinsgm@uol.com.br.

A obra *Interpretação dos sonhos* de Freud, publicada em 1900, instaurou uma das feridas narcísicas do homem ocidental. Nesse livro encontramos explorados temas como o destino e o acaso, o duplo e a alteridade, o sinistro e o sexual, e o desconhecido e a sedução. Freud também demonstrou, a partir da análise feita de seus próprios sonhos, e dos sonhos de seus pacientes, que eles são a via régia, quer dizer, o caminho real para o inconsciente.

Com essa descoberta Freud levanta o véu de um homem, crente em sua onipotência, fiel a sua tradição racionalista, instaurado nas torres de um sono imperturbado, certo de dormir para sempre no domínio da Razão, apontando-lhe nos sendeiros do sexo e da morte, o encontro imemorável com o desejo inconsciente.

Freud se coloca diante dos mistérios dos sonhos, como o herói grego de Sófocles – *O Édipo Rei* –, se colocara diante dos enigmas da esfinge no caminho de Tebas. Édipo solucionara o enigma dado pela esfinge, respondendo que *o Homem é* aquele que de manhã – a criança – movimenta-se com quatro patas, durante o dia – o adulto – caminha com duas e no entardecer – já na velhice – apoia-se numa terceira. O criador da psicanálise, diante das suas esfinges vienenses – as históricas –, decifra os enigmas colocados por elas, através daquilo que o sonho vela e desvela, ou seja, que o desejo é sempre inconsciente, logo indestrutível.

Freud, mesmo querendo ser cientista-pesquisador, tornou-se médico como forma de superar sua origem pobre. Em 1885 foi a Paris numa viagem de estudos. Mais tarde se associou, durante 10 anos, ao hospital infantil de Viena, fracassando na tentativa de transformá-lo numa clínica aplicada à Universidade. A afronta mais mortificante que Freud teve de sofrer foi não conseguir uma cátedra. Apesar de permanecer dezessete anos esperando sua nomeação – na faculdade de medicina, naquela época, a espera durava cerca de oito anos – ela não veio, o que o conduziu, de certa forma, ao isolamento intelectual.

Apesar desse mal-estar profissional e das rupturas feitas com as técnicas de tratamento – hipnose e sugestão – Freud não deixou de insistir em escutar as mulheres. Elas anunciavam queixas amorosas e segredos infantis, cujo conteúdo eram cenas de sedução feitas por adultos, acontecidas na infância e na adolescência.

Na busca de um método para o tratamento das neuroses, Freud aceita a sugestão de sua paciente *Ana O*: que ela falasse o que lhe viesse à mente. Surge, assim, o fundamento da técnica psicanalítica: a associação livre, ou seja, a cura pela palavra. A partir daquele momento, os seus pacientes vinham até seu consultório para falar-lhe o que lhes passava à cabeça. Foi assim que eles começaram a narrar, desordenadamente, lembranças infantis com temas acerca do nascimentos de irmãos, incêndios, medos e fobias, mortes de animais de estimação, até depararem com alguma cena onde alguém os seduzia.

As associações, a partir dessas lembranças, levaram à recordação de sonhos, de ditos populares, de fantasias sexuais, de idéias fixas e até mesmo ao aparecimento de novos sintomas expressos no corpo ou em pensamentos e rituais compulsivos. Diante destes últimos – sintomas, pensamentos e rituais – o doente se sentia aprisionado, não vendo possibilidade de abandoná-los.

A descoberta do inconsciente como lugar do mais desconhecido desejo transforma os paradigmas da ciência. Se a verdade do homem está recalçada e retorna sob a forma de sonhos, sintomas, lembranças etc., o sujeito não é mais aquele das *idéias claras e distintas* do *cogito* cartesiano. Passa-se, assim, do *lá onde penso, logo existo*, para *lá onde não penso, devo en advir*. O sujeito, a princípio, é somente falado pelo Outro, o que não lhe assegura sua existência.

Temos, assim, um mal-estar radical, já que quando falamos nos encontramos diante das seguintes questões: *quem fala?*, *o que se fala?* e *o que se deseja falar?* É a partir dessas perguntas que podemos fundamentar o sujeito do inconsciente. Anunciado pelas narrativas, ele nem sempre é escutado. Esse fenômeno, que Freud designou de *Unheimlich* – sinistro –, se faz presente quando acordamos e nos lembramos dos nossos sonhos. O texto que relatamos depois de um sonho, nós o anunciamos sob o efeito de um estranhamento, de uma divisão, já que o sonho, em geral, nos parece absurdo e sem sentido. Ele não tem coerência nem ressonância com aquilo que, na nossa consciência, julgamos ser.

A *Interpretação dos sonhos*, que em alemão tem como título *Die Traumdeutung*, seria melhor traduzida em língua portuguesa para *A Significância dos Sonhos*. Afinal, o que fazemos com nossos sonhos e dar-lhes uma significância, no duplo sentido que esta palavra tem: como algo, alguma coisa que possui uma significância, que tem um valor para nós – uma estimacão –, e, também, como algo ou alguma coisa que está à espera de um sentido que ainda não tem.

A epígrafe da *Interpretação*, retirada do *Canto VII* da *Eneida*, de Virgílio, prenuncia que seu autor não terá o aval dos deuses do Altíssimo, ou seja, do saber instituído pela tradição filosófica e científica do Ocidente: *Se não posso submeter aos meus desígnios os deuses do Altíssimo, meterei na ordem os infernos*. Trata-se de uma obra que, por romper com a tradição do pensamento ocidental, criará uma polêmica, uma cisão com o saber estabelecido. A referência não é mais a consciência, mas sim o desconhecido – o inconsciente.

Na *Die Traumdeutung* iremos encontrar o método de interpretar e a análise de um sonho modelo: *o sonho da injeção de Irma*. Sonho do próprio Freud, ele o teve logo após receber a notícia de que sua ex-paciente Irma não estava bem, o que o levou a se perguntar se teria sido devido a um fracasso da análise dela. Tarde da noite, resolveu redigir o caso clínico de Irma. Ao adormecer, sonha que não é ele e sim outro colega o responsável pelo fato de Irma, ainda, não estar bem. A princípio, para Freud, o desejo que se realiza é o de não ser responsável pelo prolongamento da doença de Irma. Tudo isso introduz a tese de que o sonho é a realização de desejo, regido pelas leis da condensação e deslocamento de imagens, que estão lá como letras de um alfabeto desconhecido, à espera de uma leitura.

No sonho, Freud e sua esposa estão recebendo num grande salão os convidados para uma festa, provavelmente a do aniversário de sua esposa. Entre os convidados, está Irma, amiga de sua esposa e também paciente dele. Ele a conduz para uma parte do salão e a repreende por não ter aceitado a *solução* (*Lösung*) que ele havia lhe

proposto como tratamento. Ela queixa de dores, está pálida e inchada. Ele suspeita de um mal orgânico, levando-a até a janela para examinar sua garganta. Irma, num primeiro momento, mostra resistência, mas quando Freud a examina percebe que sua garganta está com placas brancas, e que, em outra parte da boca, existem extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas crespas que estavam modeladas nos cornetos do nariz.

Freud convoca alguns eminentes convidados para também examiná-la. O Dr. M., bem como seus amigos Leopoldo e Otto confirmam o exame. Dr. M. afirma que sobrevirá a disenteria e a toxina será eliminada. Naquele momento, Freud se lembra que quando ela não estava se sentindo bem, seu amigo Otto aplicara-lhe uma injeção de um preparado de *propil,propilos...ácido propiónico...trimetilamina*. Imediatamente, no próprio sonho, aparece aos olhos do sonhador a fórmula desse preparado $-\text{CH}_3-$, em grossos caracteres. Antes de acordar, pensou que injeções dessa natureza não deviam ser feitas tão impensadamente e pressupôs que a seringa não devia estar limpa.

Após a associação detalhada desse sonho, que inaugura o inconsciente como lugar do sonho-desejo, Freud conclui que na casa de veraneio de *Bellevue*, onde lhe aconteceu esse sonho, deveria ser colocada uma placa com os seguintes dizeres: “Nesta casa, em 24 de julho de 1895, o mistério dos sonhos foi revelado ao Dr. Sigm. Freud.” (FREUD, 1900, p. 130.) Esse mistério é o desejo *-Wunsch*, que poderia ser traduzido em língua portuguesa para o voto. Hoje, sabemos que o voto de Freud foi realizado. Na floresta de *Cobenzl*, no alto da colina, foi colocada uma placa realizando o desejo de Freud. Divisor de águas, proponho traduzir o sonho de Freud por: *desejo, logo existo*.

Inúmeras foram as interpretações, depois de Freud, sobre esse sonho. O que queremos aqui é nos servirmos de uma das teoria freudianas sobre o sonho, aquela em que este não é feito de imagens, como a princípio pressupomos, mas que ele nada mais é do que uma escrita, um alfabeto ainda sem o som. O trabalho do sonho é arranjar as letras fazendo com que as imagens ingressem no regime de funcionamento das leis da escrita, logo legíveis. É assim que, se o sonho, como o sintoma, pode ser lido, é porque ele está inscrito em um processo de escrita. Como formações particulares do inconsciente, os sonhos não têm, previamente, uma significação, mas, como toda escrita, são passíveis de leituras.

Freud, em vários momentos da sua obra, faz analogias entre o sistema da escrita e os sonhos. Nos *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895, p. 177) ele e Breuer comparam a sintomatologia da histeria com uma escrita pictográfica que se torna inteligível após a descoberta de algumas inscrições bilíngues.

A relação entre sonho e escrita aparece quando o psicanalista propõe que se leia o sonho como enigma, já que ele o toma como um *rébus*¹:

¹ Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, *rébus* é o ideograma no estágio em que deixa de significar diretamente o objeto que representa para indicar o fonograma correspondente ao nome desse objeto.

O conteúdo onírico, por outro lado, é expresso, por assim dizer, num roteiro pictográfico, cujos caracteres têm que ser transpostos individualmente para a linguagem dos pensamentos oníricos. Se tentássemos ler esses caracteres de acordo com seu valor pictórico, em vez de em conformidade com sua relação simbólica, seríamos nitidamente induzidos a erro. Suponhamos que eu tenha um enigma de figuras (ein Bilderrätsel), ou rébus diante de mim. [...] Um sonho é um enigma de figuras (Bilderrätsel) dessa espécie e nossos antecessores no campo da interpretação de sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica e, como tal, ela lhes pareceu sem sentido e destituída de valor. (FREUD, 1900, p. 296).

Desta maneira, todo o mecanismo de funcionamento da escrita e do sonho se encontra concentrado. O *rébus* encarna, melhor do que qualquer outro procedimento, o princípio geral que permite funcionar um sistema de escrita. O *rébus* seria definido como uma escrita de imagens. Os elementos que ele articula são figuras visuais, consideradas como fonemas ou letras.

Existe uma diferença entre o *rébus* e o sistema de escrita. Enquanto o alfabeto latino ou grego, os caracteres chineses e os hieróglifos egípcios têm um número limitado de signos, o *rébus* não tem: pode operar com qualquer figura, sob a única condição de que essas figuras sejam capazes de veicular, por combinações de imagens, os sons necessários para fazer passar uma mensagem: “Essa é a astúcia fundamental que está no centro da invenção da escrita: a morte da imagem como representação da realidade e sua utilização exclusivamente pelo valor fonético ou de letra.” (MACHADO, 1997, p. 140)

Há, então, uma escritura no sonho, uma letra: é preciso tomar o desejo – *Wunsch* – ao pé da letra. Freud indica o sonho a ser lido como enigma. Assim, as imagens não estão lá, nos sonhos, para serem vistas, mas para serem lidas, decifradas, “... cujo sentido é encoberto, onde o criptograma deve chegar a se inscrever a partir de uma língua perdida a ser reconstituída”. Portanto, as imagens, no sonho, não valem como figuras, nem como pantomima, mas como letra – tema da escritura: “... a letra, é para Lacan de forma seletiva uma ilustração ou uma presentificação do simbólico...” (MILLER, 1996, p. 97)

O desejo freudiano, habitante do inconsciente, tem sua letra, sua escritura. Lacan recorre à letra para ilustrar o simbólico. O sonho tem sua escritura. Assim, a estrutura de linguagem aparece como equivalente ao estatuto da escritura; é, também, a mesma inspiração que preside a construção, de acordo com Miller, dos a,b,g com letras pequenas que, essas, não são para decifrar. A esse respeito, Miller salienta que a propriedade de sobre-determinação do simbólico é ilustrada com combinações e recombinações de letras:

Vê-se a afinidade do simbólico e da letra, esta parece ser apenas outro nome do significante, o nome deste quando se separa da significação e que está aí, besta como tudo.

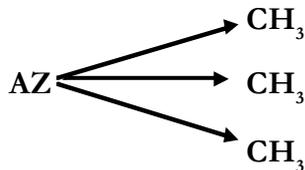
Lacan será levado em *Encore* a dar como único traço distinguível do significante, como predicado para todos os significantes, justamente, a besteira. O significante é besteira, porque o significado, todas as significações estando alhures, fica aí sem ter muito o que dizer de si mesmo (MILLER, 1996, p. 97-98).

Na análise que Freud fez do *sonho da injeção de Irma*, a garganta em putrefação tornou-se o ponto nodal do sonho. Aquele ponto condensador onde vemos uma boca, um nariz ou até mesmo um órgão sexual feminino, é o outro nome da carne. O sonho de Freud o leva ao encontro do inominável: a carne que

[...] jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência, a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo do mistério, a carne, dado que é sofredora, informe, que sua própria forma é algo que provoca angústia. Visão de angústia, identificação da angústia, última revelação do *és isto – és isto, que é o mais longínquo de ti, isto que é o mais informe*. (LACAN, 1985, p. 197-198).

A garganta de Irma, que Freud designou como o umbigo de onde partem todas as imagens, todas as associações, é também o ponto em que a medusa perdeu as cabeças, onde o sujeito se decompõe e desaparece. Lacan dirá tratar-se de uma voz que não é senão a *voz de ninguém* fazendo “surgir a fórmula da trimetilamina, como a derradeira palavra daquilo de que se trata, a palavra de tudo. E esta palavra não quer dizer nada, senão que é uma palavra.” (LACAN, 1985, p. 216).

Essa escrita, de tudo, que aparece nos sonhos dos sonhos – já que o *sonho da injeção de Irma* é inaugural –, nada mais é do que a trimetilamina: CH_3 . É o **AZ**, o alfa e o omega, que contém todas as letras. Alfabeto onde no arranjo das letras o sujeito se escritura. O sujeito nada mais é que um jogo de ausência e presença. Ele está descentrado e faz sua marca no espaço de inscrição da escrita.



A trimetilamina é um produto, como observou Lacan, de decomposição do esperma. Temos assim, uma metáfora dos elementos fundadores da psicanálise freudiana: a sexualidade e a morte. CH_3 é a escrita – as letras do alfabeto freudiano – acerca da sexualidade. CH_3 escritura a vida e a morte, aquilo que faz enigma para as históricas e que põe em movimento o sujeito falante.

Freud notara, desde o início das suas descobertas, as estreitas relações entre uma vida e uma análise com a estrutura do romance. Seria a dimensão do amor e do suspense? Da investigação acerca da verdade e da procura do desejo? Ou, ainda, a

forma da narrativa romanesca que a vida e análise se encaminham, que fazem essas estreitas relações: psicanálise e literatura?

Com psicanálise ou até mesmo sem psicanálise, todos acabam sempre se tornando personagens do romance que é a sua própria vida. As leituras mais recentes e as novas formas de vida que a sociedade “sem tempo” tem nos oferecido, nos fez aproximar mais do conto. História curta, condensada, pontual, precisa, tem uma contração do tempo que produz efeitos de estilo, numa análise, na literatura e na vida.

Foi assim que cheguei ao escritor argentino Jorge Luis Borges. Embora sabendo do seu desprezo por Freud² e sua preferência por Jung, encontramos na poética *borgiana* muitas semelhanças e aproximações com aquilo que Freud teorizou sobre a linguagem e as labirínticas angústias humanas. A meu ver, ambos valem-se da ficção e das leis do inconsciente para o seu processo de criação.

Nossa trilha é o conto, do argentino, *O Aleph*. Ele conta a história do poeta Carlos Argentino Daneri, primo-irmão de Beatriz – amor ideal para o narrador. Daneri possui, desde a infância, um *Aleph* no porão de sua casa. A inspiração leva o poeta Daneri a escrever o poema *Terra*, que pretende substituir o mundo em vez de representá-lo. Para poder terminar seu poema precisaria preservar sua casa – habitat do *Aleph* –, em via de demolição. Durante as visitas que o narrador faz todos os anos, pela morte de Beatriz, à casa onde moram o pai e o primo dela, lhe é permitido pelo próprio Daneri penetrar no porão. Uma vez estando lá, fecha os olhos, e quando os abre vê o *Aleph*. O que vê? Uma pequena esfera furta-cor de dois ou três centímetros, de brilho quase intolerável, onde pode-se ver o inconcebível universo.

O *Aleph* “é um dos pontos do espaço que contém todos os pontos.” (BORGES, 1972, p. 130) Lugar da síntese, de um texto global, onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo, visto de todos os ângulos. Borges condensa nessa pequena esfera, toda a vastidão do universo, toda a sua caótica diversidade. É o verbo que encerra em si um mundo. Como quer Borges, “Combino as recordações, contemplações como se milhares de anos me sonhassem e me atravessassem situações de um presente simultaneizado por milênios, e tudo isto é em mim um único instante: o aleph.” (BORGES apud JOZEF, 1996, p. 146) Os místicos judeus viram no *Aleph* – primeira letra do alfabeto hebraico – a raiz de todas as letras do alfabeto e da fala humana.

O *Aleph* seria como uma janela no sonho, o despertar para os livros da humanidade passando por Homero, Hesíodo, a teologia medieval, a biografia moderna e, porque não, *A Interpretação dos sonhos*. Uma trajetória que vai dos heróis, passando pela divindade, o indivíduo e, enfim, o sujeito dividido – aquele da *Interpretação dos sonhos* – efeito da barra entre o significante e o significado.

² Acerca da relação de Borges com a psicanálise ver: SOUZA, E. Maria de. *O Século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 23-40.

³ O termo *Lösung* (solução) deve ser escutado no duplo sentido: solução química – CH_3 – e solução resolução pela palavra – ou seja a associação livre.

Retornando ao *sonho da injeção de Irma* encontramos Freud diante de uma doente, que recusa sua *Lösung*³, que despreza a direção de tratamento dada pelo médico, fazendo com que ele se sinta culpado pelo mal-estar dela. No sonho ele vê uma garganta em decomposição, depara-se com o *é* das coisas: a morte. A mulher, prenhe de vida e que dá a luz, é deslocada para um outro nome da mulher: o da morte, terramãe que nós dará morada eterna no último momento. Borges, a partir de uma solução no campo do significante, constrói um Dan(te Alighi)eri – degradado, numa Buenos Aires cômica, que tem uma Beatriz corrupta, morta prematuramente e que, como Irma, despreza seu narrador.

Beatriz detém no porão do mundo o *Aleph*. O *sonho da injeção de Irma* detém os mistérios do desejo na escritura química-silábica **CH₃**. Segundo uma tradição hassídica o *Aleph* “seria a única letra ouvida pelo povo hebreu diretamente de Deus.” (JOSEF, 1996, p. 156) Em Borges, contudo, nada há de sobrenatural. Mesmo o *Aleph* não existindo, o homem crê, muitas vezes, havê-lo descoberto.

Já na tradição freudiana, o sonho é uma realização de desejo: *Der Traum ist eine Wunschbefriedigung*. Ele não é tecido por imagens, mas com as letras de um alfabeto onírico. O *Aleph*, como o sonho-**CH₃**, é símbolo da escrita e do texto. O sonho e o *Aleph* são experiências incomunicáveis.

Diante do *Aleph* o narrador afirma:

Nesse instante gigantesco, vi milhões de atos agradáveis ou atroz; nenhum me assombrou mais que o fato de todos ocuparem o mesmo ponto, sem superposição e sem transparência. O que os meus olhos viram foi simultâneo; o que transcreverei será sucessivo, pois a linguagem o é. Algo, entretanto, registrarei. (BORGES, 1972, p. 137).

O mesmo diremos do sonho, o relato do sonho é uma elaboração, um trabalho ordenado pela linguagem que não diz o sonhado, mas simplesmente, depois de passado pelo crivo da censura, está lá como falsas figuras que visam a enganar o sonhador. Sabemos que quanto mais buscamos explicá-lo, atingi-lo com as palavras, mais nos distanciamos dele. Fazemos uma barra a um suposto sentido original, que está perdido, interdito.

Outra semelhança entre o *Aleph* e o sonho é a inabarcabilidade do infinito. Se a visão do *aleph* é simultânea, quando a transmitimos o fazemos pela sucessão que as leis da linguagem permitem. O mesmo ocorre com o sonho. Ao acordar perdemos a experiência do sonho, ganha-se a experiência da linguagem, que é sempre oca, faltante e insuficiente para dizer o *Aleph* e a coisa freudiana. Esta, *a coisa*, nós só a colonizamos com a linguagem e, conseqüentemente, a perdemos. Quem nos salva do horror do real que deparamos nos sonhos? Primeiro o acordar, que não significa, necessariamente, despertar.

Por isso, Freud nos narrou um sonho, o de um pai que, enquanto velava seu filho, cochilou e sonhou que o filho lhe endereçava o seguinte apelo: *Pai, não vês que estou queimando?* O pai desperta para apagar, de fato, a chama de um círio que velava seu filho morto e começava a se alastrar no ambiente.

Acordamos do horror que incendia o sonhador. Acordamos, porque a vida está ao lado do despertar. O despertar é a janela da vida que nos leva para o viver.

Para Borges, nossa salvação é o esquecimento: “Não estamos feitos de memórias, mas de esquecimentos ante um universo que se encarrega de repetir-se.” (BORGES *apud* JOZEF, 1996, p. 151)

Depois da experiência do *Aleph* o narrador se despede de Daneri. Já na rua, nas escadarias de *Constitución*, no metrô, pareceram-lhe familiares todas as faces que via. Teve medo de que não lhe restasse uma só coisa capaz de surpreendê-lo, teve medo de que jamais lhe abandonasse a impressão de voltar. *Borgianamente* conclui: “Felizmente, depois de algumas noites de insônia, agiu outra vez sobre mim o esquecimento.” (BORGES, 1972, p. 135)

Acorda-se, se desperta e se esquece. Inicia-se a leitura do fragmento-escrita, dos pedaços de imagens: ruínas significantes. O conteúdo manifesto do texto é o mascaramento do sentido que não se oferece totalmente como condição de conceptualização. O simulacro da narrativa onírica, como o simulacro literário, se inscreve no inacabado, numa experiência pré-textual, momento em que se pode produzir a revelação estética.

O aleph é um conto sobre uma mulher – Beatriz –, e foi dedicado a Estela Canto, uma jovem escritora argentina cujo nome é composto de duas palavras-chaves da obra de Dante Alighieri: stella e canto. O sonho da injeção de Irmã foi sobre uma mulher-paciente. Sua causa precipitadora são as inquietações do médico vienense acerca da etiologia da histeria e ainda o aniversário de Marta, mulher de Freud. Não seria um sonho dedicado à mulher? Ela, como Stella, não seriam a causa do sonho?

Já que não se sonha com ninguém, e as figuras (ein Bilderrätsel), ou rébus, que estão nos sonhos têm a função de fazer passar certas palavras, Freud, como todos os sonhadores, sonha para realizar um desejo. Uma vez acordado, o sonho pode vir a ser lido como uma escrita.

Embora se refira a eles como uma escrita, Freud também nos lembra que o sistema de expressão por meio de sonhos ocupa uma posição muito mais desfavorável do que qualquer escrita antiga, como o chinês – que possui numerosos sons silábicos que são falados isolados ou combinados aos pares –, já que a escrita destinase fundamentalmente à comunicação e a ser compreendida. Enquanto que o sonho não comunica nada:

Um sonho não pretende dizer nada a ninguém. Não é um veículo de comunicação; pelo contrário, destina-se a permanecer não-compreendido. Por essa razão, não devemos nos surpreender ou ficar perplexos ao verificarmos que permanecem sem solução numerosas ambigüidades e obscuridades dos sonhos. (FREUD, 1916-1917 [1915-1917], p. 277).

O sonho da injeção de Irma e *O aleph* existem, talvez, para escriturarmos o não-pensável, o não-possível e o não-lugar. Eles são uma utopia de todos nós, herdeiros do bruxo do Cosme Velho, que às vezes acreditamos, durante a construção do nosso edifício, “atar as duas pontas da vida”.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad. Flávio José Cardozo. Porto Alegre: Globo, 1972. 146p.
- FREUD, Sigmund. *Interpretação de sonhos* (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).
- _____. *Die Traumdeutung* (1900) Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1982. Band II. 698seite.
- _____. *Estudos sobre a Histeria* (1893-1895). Rio de Janeiro: Imago, 1980. 393p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- _____. Incertezas e Críticas (1916 [1917-16]). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917[1915-1917]). Rio de Janeiro: Imago, 1980. 285p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).
- LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 413p.
- MACHADO, Ana Maria Netto. *Presença e implicações da noção de escrita na obra de Jacques Lacan*. Ijuí: UNIJUÍ, 1997. 275p.
- MARTINS, Geraldo Majela. Água que dorme: máscara do desejo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA ENEP, 16. Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Unicentro Newton Paiva, 1999. p. 28-33.
- _____. A abertura do estilo: Lacan e a literatura. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 319-330.
- MILLER, Jacques-Alain. O escrito na palavra. *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise - Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 16, p. 110, ago. 1996.
- SOUZA, Eneida Maria de. *O Século de Borges*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 134p.